

COMPANHIA DAS LETRAS

A QUEDA DO CÉU

Palavras de um xamã yanomami

DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

Prof. Ms. Julie
Dorrigo



Davi Kopenawa Yanomami



Bruce Albert e Lourival Yanomami



A literatura indígena contemporânea

1) O que é a literatura indígena contemporânea?

- Diferença entre literatura indianista, indigenista e indígena.
- A literatura indígena é, então, aquela realizada pelos próprios indígenas “conforme os meios e códigos que lhe são singulares” (Thiél, p. 46).
- Publicação na década de 1990 até os dias atuais.

- A literatura indígena não é homogênea, pluralidade étnico-cultural, múltiplas manifestações.
- Escritores indígenas: Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Eliane Potiguara, Márcia Kambeba, Ely Macuxi, Olívio Jekupé, Yaguarê Yamã, Graça Graúna, Tiago Hakiy, Jaime Diakara, Davi Kopenawa, entre outros.
- Como identificar uma literatura indígena?

- Conceito de auto-história (Graúna, 2013);
- Formas: os ensaios, os textos autobiográficos, os artigos, os depoimentos, os relatos, as entrevistas, as cartas, as ilustrações, os *e-mails*, e “todas outras formas de expressão que os(as) escritores (as) indígenas e descendentes utilizam para falar das diferenças culturais, imprimindo vez e voz aos seus personagens, a sua indianidade [alteridade]” (Graúna, 2013, p. 70).
- Autoria indígena: Coletiva, Individual.

Definição

- A literatura indígena é aquela produzida pelos próprios indígenas, podendo ter o caráter coletivo, se oriundo de projetos didático-pedagógicos e inseridos (ou não) no processo de educação escolar indígena;
- Ou individual, quando o escritor ou escritora indígena publica um livro por uma editora privada e assinala nessa publicação seu nome (que denota subjetividade e coletividade ao mesmo tempo, como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Kaká Werá, Tiago Hakiy, etc.).

- Ao termo “contemporânea” pode se justificar o recorte temporal da década de 1990 até o presente, salientada pelos teóricos não indígenas sobre a literatura indígena e pelos próprios escritores e intelectuais indígenas, em que os escritores coletivos ou individuais assumem a escrita alfabética, a edição e publicam o livro indígena, a fim de desconstruir estereótipos, reivindicar direitos como a demarcação da terra e saúde para sua coletividade, afirmar sua presença nas cidades nessa relação intercultural sem denegar sua alteridade, denunciar a violência histórica, e reiterar que o pensamento indígena tem suas especificidades, estética, ciência, pensamento, regime de sentido que podem ser compartilhados interculturalmente.

Autobiografia indígena

- Oscar Sáez (2006, 2007): gênero pouco estudado no Brasil;
- Sujeito histórico, *eu*; sujeito mítico, *nós*.
- Suzane Lima Costa (2014): autobiografia indígena (a) sem nome próprio, (b) extrospectiva e (c) dos encantados.
- a autobiografia indígena assume as duas pessoas: o *eu* enquanto sujeito histórico cuja enunciação tem valor pessoal, e o *nós* enquanto sujeito mítico-histórico, cuja enunciação reporta à tradição ancestral.

- Modo de narrar de Davi Kopenawa reflete vida, história pessoal e coletiva, memória das tragédias desde o contato com o branco, a sua experiência pessoal de iniciação conferindo ao narrador o estatuto também de autor da obra.
- Sujeito histórico e sujeito coletivo inextricáveis: narrativa que mescla história pessoal e destino coletivo; memória pessoal, tradição ancestral e coletiva, que não se dissociam; autoconsciência pessoal e política;
- Autobiografia tradicional: eu íntimo, indivíduo como centro de si e do mundo;
- Costa e Xukuru-Kariri (2014, p. 96): “nessas histórias não há um 'eu' absoluto, posto que sempre surge mediado, ou mesmo implicado, no 'nós' narrativo”.
- Princípio da autoria da autobiografia indígena: narrador mais o editor-entrevistador-amanuense.

- Preocupado e indeciso, fiz perguntas a respeito dos *xapiri*: “Como eles são? São belos mesmo? São poderosos? Podem nos matar? Se não conseguirmos responder a eles, ficam perigosos?”. Ele me respondeu apenas: “Se você não se tornar xamã, ficará desamparado quando tiver filhos e eles adoecerem!” Então eu disse a mim mesmo: “*Haixopë*! Entendi! É minha vez de imitar nossos maiores, que viram espíritos desde sempre! Não conheci nossos avós, mas sei que foram grandes xamãs. Devo seguir seus passos e fazer dançar os espíritos que eles tiveram antes de mim”.

- Desde a infância, eu costumava ver os *xapiri* em sonho e já tinha pensado que seria bom tornar-me xamã para saber curar. Mas, como ainda não podia conhecê-los de fato, me sentia perdido. Avaliava que, se os meus ficassem doentes, eu não poderia fazer nada para vingá-los dos seres maléficos e das fumaças de epidemia.
- Então, finalmente tomei uma decisão e respondi: “*Awei!* Quero tentar beber *yãkoana*. Não sei nada dessas coisas, mas quero mesmo conhecer a beleza e a força dos *xapiri*! Quero virar espírito!” (p. 134).

Crítica xamânica da economia política da natureza

- Adaptação criativa (Bruce Albert, 1993);
- Modelo normativo ocidental: a Natureza é vista como objeto de exploração *ad infinitum*; antropocentrismo; exploração das forças produtivas;
- Bruce Albert (1993): Esta é a natureza da economia política que o discurso tecno-científico autentica em nome de um suposto “desenvolvimento” que considera seus recursos infinitos, quando sabemos que não o são;

- Crítica xamânica: Natureza e cultura são vistas de uma perspectiva simbiótica (Devir Outro); crítica ao lucro, às mercadorias; também ao governo, ao garimpo, às indústrias, ao efeito estufa (A fumaça do Metal); crítica à noção de meio ambiente, ecologia, museus, Igreja, à objetificação do próprio homem como instrumento de exploração (mendigos nas ruas da Europa e do Brasil) (A queda do céu).

- “Quem eram mesmo nossos ancestrais que viraram animais? Como foi que o céu caiu antigamente? De que modo *Omama* criou a floresta? O que dizem mesmo os cantos e as palavras dos *xapiri*?”. Ao contrário, quando bebemos o pó de *yãkoana* como *Omama* nos ensinou a fazer, nossos pensamentos nunca ficam ociosos. Podem crescer, caminhar e se multiplicar ao longe, em todas as direções. Para nós, é esse o verdadeiro modo de conseguir sabedoria.

- Apesar de tudo isso, os brancos já nos ameaçaram muitas vezes para nos obrigar a abandonar os *xapiri*. Nessas ocasiões, só sabiam dizer: “Seus espíritos estão mentindo! São fracos e estão enganando vocês! São de Satanás!”. No começo, quando eu era muito jovem, tinha medo da fala desses forasteiros e, por causa delas, cheguei a duvidar dos *xapiri*. Por algum tempo, me deixei enganar por essas más palavras e até tentei, com muito esforço, responder às palavras de *Teosi*. Mas isso acabou mesmo! Faz muito tempo que eu não deixo mais as mentiras dos brancos me confundirem e que não me pergunto mais:

- “Por que eu não tento virar um deles?”. Tornei-me um homem, meus filhos cresceram e tiveram seus próprios filhos. Agora, nunca mais quero ouvir más palavras sobre os *xapiri*! *Omama* os criou depois de ter desenhado nossa floresta e, desde então, eles continuaram cuidando de nós. Eles são muito valentes e muito bonitos. Seus cantos fazem nossos pensamentos aumentar em todas as direções e ficar firmes. E por isso vamos continuar fazendo dançar suas imagens e defendendo suas casas, enquanto estivermos vivos. Somos habitantes da floresta. É esse o nosso modo de ser e são estas as palavras que quero fazer os brancos entenderem (p. 511).